

AUGUSTO COMTE: A FILOSOFIA ENTRE A HISTÓRIA E A CIÊNCIA

AUGUSTE COMTE: BETWEEN THE HISTORY AND THE SCIENCE

ENRIQUE GARCIA BETEMPS

* Graduado em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Católica de Pelotas.
E-mail: enrique.betemps00@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa apresentar a visão filosófica de Augusto Comte, pai do positivismo, sobre a história e a ciência, conciliando ambas na formação de um sistema lógico, filosófico e político, com o intuito de reorganizar a sociedade em novas bases. Para isso, adentramos a fundo nas influências do autor, assim como buscamos analisar minuciosamente, ainda que de modo crítico, as formulações sobre a lei dos três estágios, a lei do progresso e sua relação com a ordem, sua concepção de conhecimento, a classificação das ciências e sua Física Social, que dão corpo a esta importante e relevante concepção filosófica.

Palavras-chave: Positivismo. Comte. Ordem. Progresso. Física Social.

Abstract: The current article aims to present the philosophical vision of Auguste Comte, the founder of positivism, about history and science, reconciling both in the formation of a logical, philosophical and political system, with the aim of reorganizing society on new bases. For this, we delve deeply into the author's influences, as well as we seek to analyze in detail, despite critically, the formulations about the law of three stages, the law of progress and its relationship with order, its conception of knowledge, the classification of the sciences and its Social Physics, which embody this important and relevant philosophical conception.

Keywords: Positivism. Comte. Order. Progress. Social Physics.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é promover a análise da filosofia de Augusto Comte, visando compreender de que forma se estrutura e se consolida esta nova concepção de conhecimento que o filósofo francês propõe, partindo de dois elementos fundamentais: a história e a ciência. Para isto, adentramos a fundo no estudo da formação e construção do pensamento comtiano.

Conforme vamos demonstrar mais a frente, o positivismo de Augusto Comte apresenta um sistema filosófico bastante completo, no sentido de explicitar um projeto que visa se fundamentar a partir de bases históricas, científicas e epistemológicas. Devemos, portanto, analisar efetivamente de que modo se entrelaçam estes elementos no âmbito da filosofia comtiana, compreendendo suas influências, o contexto histórico de sua produção filosófica e as implicações que daí decorrem.

Como poucos, Comte é, apesar dos 'clichês', um homem 'fruto de seu tempo'. Diz ele que a sociedade, em sua época histórica, estava em crise. A 'anarquia' passou a ser dominante, com a paulatina desintegração do modelo teológico e o estabelecimento de um movimento crítico. Este movimento crítico se origina a partir das mudanças político-econômicas promovidas por uma florescente burguesia, que passa a se consolidar como alternativa ao modelo feudal após as Grandes Navegações. As grandes descobertas do período chamado popularmente de Revolução Científica, com as decisivas contribuições de Kepler, Copérnico e Galileu foram de importância grandiosa para a formação de um mundo novo, chamado de 'Moderno', no qual a crítica aos preceitos da providência transcendente do velho mundo, de base feudal e aristocrática, passa a colocar a experiência e a observação, a razão e a liberdade, como fundamentos deste novo método epistemológico que passará a orientar o homem e seu destino (PEGORARO, 2011, p.133), tendo como máxima representação os filósofos Francis Bacon, David Hume e René Descartes, influências importantes de Comte. A Revolução na França em 1789

consolidou este pensamento de novo tipo, além é claro do modo de produção capitalista e da supremacia do modelo burguês-industrial. Daí decorre a formação mais direta do positivismo, tendo como fundador (ainda que não nominalmente) o Marquês de Condorcet, sendo seu discípulo o Conde de Saint-Simon, mestre e influência mais direta sob Augusto Comte.

Todavia esta burguesia, que num primeiro momento era revolucionária, gestava em si a ambição de formar um novo projeto de dominação, almejando manter e consolidar o poder político e social alcançado, tornando-se, assim, uma classe conservadora. Segundo Cruz Costa (1950, p. 6):

Desde 1789 o que dominara fora o ímpeto revolucionário. Graças a ele, desagregara-se definitivamente o velho regime. Fôra isso, — dí-lo-á o próprio Augusto Comte — necessário durante algum tempo, mas esse espírito revolucionário também já perdera o seu sentido e tornara-se até causa de perturbações sérias, comprometedoras daquilo que Augusto Comte, assim como a burguesia do seu tempo, julgava constituir o verdadeiro destino da sociedade.

Um novo sistema, uma nova ordem que apresentasse a reorganização definitiva das bases da sociedade estava, de acordo com o filósofo francês, em germe. Se apresenta como necessidade, portanto, um exame atento à história para encontrar os motivos deste limbo no qual a sociedade antiga deixou de ser predominante, mas uma nova sociedade ainda não se constituiu definitivamente como um poder dominante. E é justamente esta tarefa, de promover este estudo da sociedade com fins de possibilitar a manutenção do novo poder erigido pela classe burguesa, que Comte toma para si.

É através deste estudo, da análise da formação da sociedade, que Comte busca compreender como se constitui a realidade e por quais estágios a mesma passa. O novo deve surgir, mas não da forma como se apresenta, visto que seu caráter 'crítico' não cumpre os requisitos

para a estabilização e a harmonia no interior da comunidade humana. Por isso, este não deve ser o estágio final dos homens, mas apenas um período passageiro; o novo estágio, definitivo, é de caráter orgânico, neutro, inevitável. É aqui o ponto chave da reflexão comtiana, que possibilitará ao autor conceber a lei dos três estados, a lei da ordem e do progresso, a classificação das ciências, a Física Social e, claro, em consonância com todos estes conceitos, a concepção positiva de conhecimento.

Por fim, nesta introdução, cabe justificar metodologicamente a opção por não abordar a cons-

tituição religiosa de Augusto Comte, sua Religião da Humanidade. Esta preferência se deve não por desconsiderarmos a importância deste movimento na filosofia comtiana, cuja fundamentação nos parece bastante coerente com o desenvolvimento de sua obra, mas especialmente por 1) tratar, querendo ou não, da temática religiosa, da qual não temos aprofundamento suficiente para debater; e 2) por delimitar este trabalho à análise da relação entre a história e a ciência na formação desta nova concepção epistemológica e filosófica, agora definitivamente organizada e sistematizada, chamada positivismo.

2 OS FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA POSITIVA

A filosofia de Augusto Comte se frutifica a partir de diversas fontes. Mas, fundamentalmente, ele se considera o continuador das tradições citadas anteriormente, procurando agora realizar a unidade estruturada sob a gênese de dois elementos fundamentais, que convergem entre si: a história e a ciência. Ambos estão conectados na elaboração de uma análise da realidade que visa consolidar uma nova concepção de conhecimento, superando, de um lado, a metafísica e, de outro, o mero empirismo vulgar. Para esta nova concepção, fruto da fase adulta do conhecimento humano - o estágio positivo -, é necessário ater-se na busca das 'leis dos fenômenos', deixando de lado quaisquer buscas por 'profundidades' e focando no entendimento da forma como estes 'fenômenos' da realidade são produzidos, isto é, a partir de quais 'leis' se constituem. Desse modo, compreender as formulações de Comte acerca destes dois elementos é fundamental para desenvolver os raciocínios que irão guiar os

intuitos de reorganização da sociedade, tarefa última da filosofia positiva comtiana.

Uma concepção de mundo só pode ser bem conhecida através da história, diz Comte (1973, p.09). Compreender a história é analisar o desenvolvimento da inteligência humana, assim como de suas variadas formas de atividade, desde seu estágio primitivo até o estágio mais avançado de nossos conhecimentos. É somente no estágio positivo que os homens passam a compreender a realidade tal qual ela é, de acordo com a noção comtiana. A realidade, tudo aquilo que existe, são os **fenômenos**, ou seja, os elementos que se apresentam na materialidade. Estes fenômenos se constituem de 'leis invariáveis'¹. Descobrir as 'leis dos fenômenos' torna-se um imperativo para entender com maior clareza o conjunto do real, isto é, os próprios fenômenos, possibilitando que a ação humana seja sustentada por bases racionais firmes. A necessidade racional humana de

¹ A formulação do conceito de 'leis' como determinantes para fundamentar a noção de progresso, que permite o desenrolar da história e dos acontecimentos não de modo aleatório, mas determinado, é retirado diretamente da herança comtiana das ciências naturais. Na missão de estabelecer a física social - que veremos mais à frente -, Comte recebe fortemente a influência de físicos e matemáticos, como pudemos perceber no capítulo anterior. Estas leis são necessariamente invariáveis, ou seja, elas podem 'vir-a-ser' somente de modo determinado, condicionado pela capacidade humana, no estágio positivo, de prever racionalmente os acontecimentos.

conhecer as 'leis dos fenômenos' torna clara a forma com que os homens reproduzem sua existência, assim como evidencia sua relação com a natureza: para Comte, o homem é ser supremo, isto é, por sua capacidade racional, que o permite 'conhecer' e 'prever' todo o conjunto da realidade, ele modifica o mundo ao seu redor conforme for necessário, seguindo a expressão máxima do progresso. Fica apresentada, aqui, a tarefa fundante do pensamento comtiano: estudar o passado para prever o futuro, buscar no empreendimento do estudo histórico as tais 'leis invariáveis' que demonstram o desenvolvimento dos homens até atingirem o estado positivo, incluindo aí sua capacidade de modificar a realidade. A atividade humana se explica a partir da seguinte máxima: "ciência, daí previdência; previdência, daí ação." (COMTE, 1973, p. 29). Conhecer as 'leis dos fenômenos' para poder 'prever' e, conseqüentemente, 'agir'².

3 A LEI DOS TRÊS ESTADOS

A reorganização da sociedade proposta por Comte, fim último de sua tarefa filosófica, passa diretamente pela reorganização do conhecimento humano. A pergunta fundamental a ser respondida é a seguinte: 'o que' os homens conhecem? Para cada estágio percorrido pelo conhecimento humano, uma resposta diferente, ou seja, uma forma diferente de apreender o real. A lei dos três estados, em última instância, se propõe a analisar o desenvolvimento progressivo da inteligência e do conhecimento humano - tanto individual quanto coletivo -, desde sua infância até sua vida adulta. Acompanhem, nos parágrafos seguintes, como ocorre este desenvolvimento e seu resultado.

O primeiro estado que nossos conhecimentos passam é o estado teológico. Neste período,

Esta concepção de 'ver para prever' é, todavia, parte de um estado avançado do conhecimento humano. Nem sempre foi assim, conforme veremos, já que nossas concepções principais, nossos conhecimentos passam por três estados diferentes: o teológico, o metafísico e, por fim, o positivo. (COMTE, 1973, p. 10)

Em Comte, a noção de 'leis' é de suma importância para o entendimento do desenrolar da história e do fazer, do conhecer humano. E, para entender fundamentalmente o desenvolvimento filosófico, histórico e científico que o autor francês propõe em seus trabalhos, é necessário partir deste conceito de 'lei', e partimos justamente da primeira grande 'lei' descoberta por Auguste Comte: a lei dos três estados. Como bem reparamos acima, nesta breve introdução, todas nossas principais concepções passam por três estados; propomos aprofundar o estudo nestes estágios passados por nosso conhecimento.

no qual o espírito humano se constitui ainda de modo infantil, primitivo, as investigações humanas são direcionadas para as questões mais insolúveis e inacessíveis, ou seja, para a busca das causas primeira e final dos fenômenos. Este estado, no entanto, não é de um todo igual: ele mesmo passa por três períodos de desenvolvimento, no qual a evolução dos primeiros problemas científicos contribui para a passagem de uma fase a outra.

Num primeiro momento, o estado teológico se constitui 'fetichista', atribuindo "a todos os corpos exteriores uma vida essencialmente análoga à nossa, mas quase sempre mais enérgica, com base em sua ação ordinariamente mais poderosa." (COMTE, 2021, p.20). Portanto, nesta fase, que acontece entre os homens quando es-

²A previsão racional se constitui como fundamento para a atividade prática pois é parte da lógica interna de funcionamento do sistema comtiano: se a realidade é perpétua, ou seja, determinada e fruto da continuidade, sem espaço para o acaso e para a ruptura, todo acontecimento do real, por ser parte deste processo histórico, lógico e sistemático, é passível de previsão.

tes têm capacidade mental que o difere pouco dos 'animais superiores', os deuses são tratados com características e feições humanas, semelhantes aos homens deste período, no entanto dotados de poderes ou atributos sobrenaturais, caracterizando-se por serem uma espécie de 'além-homem'³, onde os deuses relacionam-se puramente às questões mais simples da vida, como o instinto e o sentimento, apresentando-se como explicação às questões mais cotidianas sobre a existência humana.

Já em sua segunda fase, 'politeísta', realiza-se a

[...] mais profunda transformação que pode comportar a totalidade de seu destino real, no sentido de que agora a vida finalmente é retirada dos objetos materiais, para ser misteriosamente transportada a diversos seres fictícios, comumente invisíveis, cuja intervenção ativa contínua torna-se então a origem direta de todos os fenômenos exteriores e, posteriormente, também dos fenômenos humanos. (COMTE, 2021, p. 20).

É nesta fase que o espírito teológico desenvolve-se de forma mais plena, sendo, sob todos os aspectos, o momento mais fecundo para o desenvolvimento das crenças populares e das tradições orais que começam a surgir. Segundo Comte (2021, p. 21), no momento de sua produção filosófica, a maior parte da espécie humana ainda estava colocada nesta fase, sendo que a 'raça' 'mais numerosa', amarela, a 'elite' da 'raça' negra e a parte 'menos avançada' da 'raça' branca estavam colocadas na fase politeísta.

É na terceira fase do estado teológico, o momento 'monoteísta', que tem início o declínio desta filosofia inicial. Vejamos: seguindo a concepção de progresso, que permeia a formação do sistema filosófico comtiano, o desenvolvimento ocorre de maneira sucessiva, caminhando em direção ao 'estado positivo', que renega a busca pelas causas primeira e final. A fase 'monoteísta' representa o declínio do primeiro momento histórico humano, o momento

teológico, que, se em sua primeira fase apresentava deuses como 'animais superiores', semelhantes aos homens; em sua segunda fase, retirava a noção de existência material de deuses, os colocando como abstrações, mas que ainda assim explicavam o existente; em sua terceira fase, dando prosseguimento ao progresso lógico e sucessivo que Comte apresenta, vai tornando o conhecimento do real mais simples, mais direto, sem a necessidade da mediação do sobrenatural. Nesta fase 'monoteísta' ainda os homens não estão libertos do sobrenatural, no entanto, é aí que começa a germinar a passagem de um estado a outro. A espécie humana, dotada de razão, começa a - timidamente - se perceber como racionalmente autônoma. É nesta fase que ainda persiste a maioria da 'raça' branca, diz Comte.

Conforme o filósofo francês apresenta o papel da história, cuja finalidade é o de 'ver para prever', o estado teológico representa uma passagem indispensável, inevitável e necessária para os seres humanos, já que é nesse estado que o intelecto começa a se formar, isto é, é neste estado que as primeiras tentativas de compreender a realidade acontecem, ainda que de modo primitivo. Comte exemplifica o desenvolvimento das ciências neste estágio, demonstrando que a astrologia e a alquimia representavam o mais alto nível científico, sendo através delas (e das decepções causadas por suas tentativas falhas de explicar o real) que os homens encontraram "a constância e o ardor necessários para coletar as longas séries de observações e experiências que mais tarde serviriam de fundamento para as primeiras teorias positivas [...]" (COMTE, 1973, p. 12). Como percebemos, trata-se do primeiro momento do progresso humano, de valor primordial, no qual as faculdades intelectuais humanas começam a se formar, permitindo maior liberdade para o intelecto e o crescimento das especulações propriamente humanas.

Cada estágio do conhecimento humano contém em si mesmo o germe para a passagem a outro, até atingir o estado positivo. O estado

³Não no sentido nietzschiano do termo, mas considerando, aqui, uma forma mais literal, daquele que está para além do mero homem comum, que é dotado de capacidades sobrenaturais que o colocam em outro estágio de existência.

metafísico representa, puramente, um estado transitório. A humanidade desenvolve-se e não transforma-se. Nesta lógica, a necessidade do estado metafísico enquanto filosofia intermediária, que possibilite a 'passagem gradual' de um a outro estágio se apresenta como inevitável, já que não é possível que ocorra a transformação abrupta, sem uma fase de transição. As semelhanças entre o estado anterior e o metafísico são muitas, a ponto de ambos serem facilmente confundidos: em ambos, a tendência na busca das causas primeiras, do modo de produção dos fenômenos, da origem e do destino do que existe, permanecem; modifica-se a solução, substituindo os 'agentes sobrenaturais' por uma 'ontologia', (COMTE, 2021, p. 24) a Natureza.

Neste estado, ainda não é a verdadeira observação quem domina, no entanto a pura imaginação não foi totalmente superada. O raciocínio elabora-se de modo ainda bastante confuso, mas apresentando sinais de que está se aproximando do modo científico. Há, certamente, grande progresso no que se refere às formas de formular o raciocínio, mas o ardor especulativo se mantém, ou até mesmo se eleva, já que a 'liberdade ilimitada de consciência' torna-se, neste estado, um dogma, colocando aos homens a necessidade de argumentar ao invés de observar (COMTE, 2021, p. 25). Para tornar mais claro, o papel mais elevado do estado metafísico é o da crítica: os humanos sentem-se mais livres para criticar o regime antigo, já que as amarras da teologia estão sendo abandonadas, mas a observação ainda não se constituiu como método de conhecer definitivo. Corresponde, no entanto, à 'crítica pela crítica', já que neste estágio não é possível organizar coerentemente algo que lhe seja próprio, representando, desse modo, apenas certa rebeldia e inconsequência.

O terceiro e definitivo estado do conhecimento humano é o estado positivo. Esta longa sucessão, trespassada desde o estado teológico, foi que finalmente possibilitou o amadurecimento e a emancipação do conhecimento humano.

"Após estes exercícios preparatórios terem espontaneamente demonstrado a inabilidade radical das explicações vagas e arbitrarias próprias da filosofia inicial, seja ela teológica ou metafísica, o espírito humano renuncia então às investigações absolutas que só convinham à sua infância, circunscrevendo seus esforços ao domínio, a partir de agora rapidamente progressivo, da observação verdadeira, única base possível de conhecimentos verdadeiramente acessíveis, criteriosamente adaptados a nossas necessidades reais." (COMTE, 2021, p. 27).

Neste estado, o conhecer humano se reduz, ou melhor, se adequa a condição seguinte: "[...] toda proposição não estritamente redutível à simples enunciação de um fato, seja ele particular ou geral, não pode oferecer nenhum sentido real e inteligível." (COMTE, 2021, p. 27). Não é mais a pura imaginação que governa o conhecimento, mas sim a observação. Não se busca, mais, conhecer as causas primeiras ou finais; os homens conhecem os 'fenômenos'. Os fenômenos são os fatos do real. Esta é a revolução fundamental do estado positivo, o abandono da busca pelas causas, consideradas inacessíveis, em prol da busca pelos fatos e pelas 'leis dos fenômenos', ou seja, das relações constantes entre fenômenos.

Comte (2021, p. 70) esclarece e define o espírito positivo da seguinte maneira:

"O espírito positivo, em virtude de sua natureza eminentemente relativa, é o único capaz de representar de modo satisfatório todas as 'grandes épocas históricas' como as várias fases determinadas de uma mesma evolução fundamental, em que cada uma resulta da precedente e prepara a seguinte de acordo com leis invariáveis, que fixam sua participação especial na progressão comum, de maneira a sempre permitir, sem inconsequência nem parcialidade, que se faça uma justiça filosófica exata a todas as operações possíveis."

A superação da busca pelas causas primeira e final é, portanto, o salto mais radical dentro da filosofia positiva. Cabe à ciência descrever

os fenômenos, apresentar suas relações constantes. E isso se dá, justamente, pois “reduzir a explicação científica a seu modo descritivo é entender que a ciência não explica a partir do ‘sentido último’ das coisas: cinge-se ao que a experiência é capaz de aprovar ou indeferir.” (ARANA, 2007, p. 66).

O estado positivo representa o fim último da existência humana, o estado onde a história e a ciência se conectam formando uma aliança inquebrantável. A humanidade conhece os fenômenos do real, que se apresentam a ele de modo direto, objetivo, e preocupam-se em descobrir as ‘leis’ destes fenômenos. Não há mais interesse pelo sobrenatural, pelo obscuro, e fica claro que as causas primeira e final são totalmente inacessíveis. É considerando este estado e sua certeza, superioridade e necessidade, que Comte desenvolveu todos os outros raciocínios que permeiam sua obra. Sua grande preocupação é desvendar este estado, revelá-lo, e a partir daí fornecer as bases fundamentais de sua concepção. Deixamos claro aqui que todos os momentos deste artigo estão relacionados à fundamentação do conhecimento e da conexão fundamental entre a história e a ciência na obra comtiana ‘a partir’ do estado positivo.

Esta noção imprescindível da primeira grande lei descoberta por Comte representa o cumprimento de uma tarefa filosófica necessária. Como já ressaltamos anteriormente, Comte é, como poucos, ‘um homem fruto de seu tempo’. Os resultados e decorrências da Revolução Francesa trouxeram grande instabilidade política e social à França, e a tarefa de reorganizar a sociedade se colocava como um imperativo necessário. Coube a Comte, portanto, a tarefa de apresentar uma possibilidade filosófica, conciliatória, que resolva os problemas de ordem social e política em seu país.

Todavia, esta concepção de um desenvolvimento ‘lento, gradual e seguro’ entre estágios do conhecimento humano parece tão idealis-

ta quanto aquela metafísica que Comte julga combater. Em sua obra, a história aparece como elemento fundamental, mas trata-se de uma história alienada, abstrata, necessária, que acontece sem levar em consideração a intervenção humana e seu papel no desenrolar da atividade humana prática. Ele desconsidera totalmente a realidade contraditória proveniente do modo de produção capitalista, clamando a conciliação positiva e passiva entre duas ordens de fenômenos⁴ que são excludentes, ou seja, que não se conciliam. Sua filosofia é a filosofia da burguesia, e representa efetivamente a necessidade ideológica de manutenção da ordem social estabelecida a partir das necessidades e problemas⁵ postos pela própria classe dominante. O positivismo comtiano é totalmente idealista, no sentido de que sua realidade e sua concepção filosófica não se apresentam conforme; este progresso perfeito, gradual e sucessivo, até atingir um estado harmônico e definitivo, não tem fundamento nem base real por seu caráter puramente determinista e fatalista. O devir histórico, a constante transformação dos sujeitos e o mundo ao seu redor – mediante a própria atividade humana, não de forma ‘ideal’ – não comporta historicamente o conceito de progresso nos termos apresentados por Comte.

Michael Löwy (2018, p. 19), criticando a concepção de realidade que o positivismo, representado por Comte, apresenta, diz que

A realidade social, como toda realidade, é infinita. Toda ciência implica uma escolha, e nas ciências históricas essa escolha não é um produto do acaso, mas está em relação orgânica com uma certa perspectiva global. As visões de mundo das classes sociais condicionam, pois, não somente a última etapa da pesquisa científica social, a interpretação dos fatos, a formulação das teorias, mas a escolha mesma dos objetos de estudo, a definição do que é essencial e do que é acessório, as questões que colocamos à realidade, numa palavra, a ‘problemática’ da pesquisa.

4 A ordem e o progresso, elementos necessários e fundamentais da filosofia comtiana, visam promover a conciliação e a resignação da classe trabalhadora. Mais adiante abordaremos com mais cautela ambos os temas.

5 Diz Löwy (2018, p. 20) que “é o ‘ponto de vista de classe’ [...] que define, em ampla medida, o ‘campo de visibilidade dos fatos’, o que uma teoria social “vê” e o que ela não vê, suas “visões” e seus “enganos”, sua luz e sua cegueira, sua miopia e sua hipermetropia.”

Portanto, o recorte social é, antes de mais nada, um recorte de classe. A própria definição da pesquisa científica cumpre efetivamente um caráter classista. Seus antecessores, ao menos, apresentavam este caráter necessário de classe,

apresentando o papel da ciência como importante para o desenvolvimento industrial, ou seja, produtivo, e da ordem como fator fundamental para a manutenção da exploração da classe burguesa sobre a classe trabalhadora.

3.1 A LEI DO PROGRESSO E A CONCILIAÇÃO POSITIVA COM A ORDEM

A lei dos três estágios só se constitui enquanto tal por conta de uma lei fundamental: a lei do progresso. De acordo com esta noção, a realidade constitui-se a partir desta lei, na qual toda a espécie humana, assim como cada pessoa individualmente, passa sucessivamente por estágios de desenvolvimento do intelecto. Tanto o é, que o filósofo faz questão de perguntar: "Ora, cada um de nós, contemplando sua própria história, não se lembra do que foi sucessivamente, no que concerne às noções mais importantes, teólogo em sua infância, metafísico em sua juventude e físico em sua virilidade?" (COMTE, 1973, p. 11). O progresso é uma lei fundamental e invariável, histórica, da qual todos os seres estão sujeitos. Vamos, portanto, analisar brevemente sua constituição e conciliação com a ordem, ambas fundamentais para o desenvolvimento das concepções humanas.

Quando abordamos a palavra progresso, logo nos vem à mente a ideia de um movimento para frente, avanço, evolução. Esta noção de progresso está diretamente ligada a este sentido, o de 'evolução'. O que é o progresso, para Comte? A lei absoluta segundo a qual toda a realidade está

sujeita, na qual todos os homens, seja no âmbito individual, seja no coletivo, estão fatalmente destinados a progredir⁶, isto é, a desenvolverem-se continuamente até atingir o objetivo determinado, ou seja, o estado positivo. A espécie humana evolui, não se transforma. Ou seja, a realidade é perpétua e a humanidade é uma só, tem seu objetivo e seu fim definidos, e cada acontecimento, cada melhoramento do real está sujeitado com este objetivo e fim humanos, acontecendo conforme este desenvolvimento necessário. O progresso é, desse modo, a forma dinâmica de compreender e analisar o desenvolvimento e a ação humanos.

O que Comte busca aqui é, efetivamente, substituir a noção absoluta da providência, segundo a qual Deus é o criador e a finalidade de tudo (PECORARO, 2009, p. 5). Ele se considera, como já mencionamos, o continuador de Bacon, Hume e Descartes, filho desta nova concepção de mundo científica, que supera qualquer necessidade divina. Coloca o conhecimento como algo relativo⁷, que depende dos acontecimentos da história. No entanto, diviniza o progresso, tornando-o absoluto⁸ e colocando-o como o motor da história.

6 O progresso é irremediável, inevitável, necessário. Diz Comte (1972, p. 58) que "os espíritos que mais acreditam lutar contra a marcha da civilização, obedecem, sem perceber, à sua irresistível influência, e concorrem por si mesmos a secundá-la.". Não há como se desvencilhar do progresso, segundo o filósofo de Montpellier.

7 "Todo o curso deste 'Tratado' nos oferecerá ocasiões frequentes de apreciarmos espontaneamente, da maneira menos equívoca, essa íntima dependência em que o conjunto de nossas condições próprias, tanto interiores como exteriores, retém inevitavelmente cada um de nossos estudos positivos." (COMTE, 2021, p. 29). Fica expressa, claramente, a natureza relativa do espírito positivo, na qual o conhecimento está dependente das condições de existência do sujeito que conhece. Os fenômenos do real são fenômenos 'sociais'.

8 Comte não percebe que, em seu combate à metafísica e à teologia, comete erros dos quais costumava acusar seus adversários. A lei dos três estados, assim como a lei do progresso, se constituem como leis absolutas, necessárias, cujo caráter se assemelha às noções de Deus e Natureza, respectivamente.

Este progresso, entretanto, está necessariamente conciliado à noção de ordem: a dinâmica do progresso depende da estática social, isto é, a ordem. O progresso 'per se' não promove a evolução, sendo necessária, desse modo, a ordem, permitindo que a realidade se desenvolva e se aperfeiçoe. A conexão entre ambas é necessária, visto que uma depende da outra⁹: a dinâmica do progresso é subordinada à condição de ordem, enquanto a própria ordem só tem finalidade enquanto conectada ao progresso; resumem-se, ambas, às condições de existência e movimento, de conservação e melhoria.

É importante ressaltar que a ordem é, também, natural. O conjunto do real é harmônico e a natureza detém, por si, esta ordenação natural própria. As concepções teológicas e metafísicas, buscando o sobrenatural - e, no caso metafísico, promovendo a primeira crítica ao modo teológico -, são as principais causas da desordem. A desordem é, portanto, fruto da atividade humana. Vejamos praticamente como isto ocorre: a Revolução Francesa¹⁰ levou à crítica das concepções dominantes anteriores, sendo, por este lado, efetiva; mas sua prática, na medida em que não conseguiu fornecer as bases necessárias para a

reorganização social, levou à crise e à anarquia, relegando às ideias de progresso um caráter negativo.

Ou seja, a filosofia metafísica, na medida em que soube corretamente "[...] transformar em um vasto movimento orgânico o movimento crítico dos cinco séculos anteriores [...]" (COMTE, 2021, p. 62), conseguiu impossibilitar a conservação do regime antigo e expressou a necessidade de formar uma nova ordem. No entanto, "[...] essa transformação decisiva, ainda que cada vez mais urgente, teve de permanecer até aqui essencialmente impossível, por falta de uma filosofia verdadeiramente capaz de fornecer-lhe uma base intelectual indispensável." (COMTE, 2021, p. 62).

Fica evidente, desse modo, a necessidade de atacar a desordem em sua expressão fundamental: a anarquia mental, moral¹¹ e política¹². Diz Comte (1972, p. 61-62) que, por óbvio, "máquinas de guerra não poderiam, por estranha metamorfose, transformar-se repentinamente em instrumentos de construção". Daí decorrem, inevitavelmente, a necessidade de constituir a nova e definitiva classificação das ciências, a nova concepção de conhecimento e a Física Social, faces imprescindíveis do projeto de reorga-

9 Esta dependência se expressa pelo papel duplo que ambas cumprem: se, de um lado, ambas são absolutas, visto que representam condição necessária e irremediável para o desenvolvimento da sociedade, de outro também são, ambas, relativas, visto que constituem-se a partir do estágio social e, conseqüentemente, do desenvolvimento e da expansão do conhecimento humano.

10 Comte classifica a Revolução Francesa como 'A Grande Crise final', ocasionada pelos movimentos críticos estabelecidos pela filosofia metafísica durante os cinco séculos precedentes. Esta crítica, contudo, "[...] na política só pôde constituir a desordem, ou um estado equivalente de não governo." (COMTE, 2021, p. 63)

11 Cabe lembrar que, para Comte, o ser humano é ser social; de acordo com o espírito positivo, inclusive, "[...] o homem propriamente dito não existe, só pode existir a Humanidade, uma vez que todo nosso desenvolvimento deve-se à sociedade, sob qualquer aspecto que se contemple" (COMTE, 2021, p. 81). Por isso a moral é, sempre, uma moral social, cujo senso de dever comum é princípio necessário.

12 Também a política deve tornar-se uma ciência positiva, com a finalidade de separar a opinião dos desejos, instituindo a ciência política como apartada tanto da opinião pública quanto do sujeito governante. "É razoável e natural, é mesmo necessário tenham todos os cidadãos desejos políticos, porque todos possuem um interesse qualquer na direção dos negócios sociais. [...] Uma opinião política, no entanto, exprime mais do que desejos." (COMTE, 1972, p. 10). Dessa maneira, "a opinião deve 'querer', os publicistas 'propor os meios de execução', e os governantes 'executar'" (COMTE, 1972, p. 11), permitindo, em política, "[...] a mesma confiança que atualmente confere aos astrônomos, quanto à astronomia, aos médicos, quanto à medicina, etc. [...]"

nização da sociedade.

A lei do progresso e a lei da ordem expressam, como podemos perceber, a máxima fundamentação do caráter conservador e ideológico do positivismo: o progresso representa a necessidade da submissão e resignação das massas, que devem, confiantemente, aguardar o futuro que chegará com o progresso que se expande inevitavelmente. Mas deste progresso, que como um rio que tudo arrasta avança implacavelmente, pouco se fala sobre 'como' se progride e suas implicações. O custo do progresso, no que se refere à atividade humana primordial, o trabalho, e sua

condição alienada, é abstraído, assim como o caráter desigual deste desenvolvimento progressivo, que atinge os homens de modo diferente a depender de sua classe social; enquanto, para a ordem, "a sociedade é um corpo que precisa conservar seus diversos órgãos no correto funcionamento: há um lugar para o cérebro, representado pela classe industrial, e outro para os braços e pernas representados pela massa trabalhadora." (BARROS, 2021, p. 96), revelando o caráter da ordem como fundamental para manter o 'correto funcionamento', ou seja, a sociedade tal qual ela está dividida.

4 CONHECIMENTO: DO OBJETIVO AO RELATIVO

Para atacar definitivamente a desordem e reorganizar a sociedade, é necessário que os homens solucionem os problemas de ordem mental. Os problemas de ordem mental são estes, os referentes à forma com que os homens conhecem.

O conhecimento é objetivo, mas não se limita somente ao dado, ao 'o que' se conhece. Cabe perguntar: de que modo os homens conhecem? Para Comte, conhecer significa apreender aquilo que é real, observado, dado. No entanto, apreender este objeto ou realidade observada não ocorre de modo puramente empírico, ou seja, a partir da experiência, numa relação direta sujeito-objeto. Antes de mais nada, para conhecer o real, é necessário compreender 'o quê é real'. É real aquilo que é observável; os fenômenos da realidade são passíveis de observação. Portanto, é possível conhecer os fenômenos. Mas, não podemos conhecer suas 'causas', nem primeira, nem final. O que Comte pretende é, a partir da história, compreender "[...] com exatidão as circunstâncias de sua produção e vinculá-las umas às outras, mediante relações normais de 'sucessão' e de 'similitude'." (COMTE, 1973, p. 13).

No estágio positivo, estágio humano definitivo, o conhecimento objetivo representa uma espécie de generalização do mesmo. Reduzir o conhecimento à simples enunciação de um fato requer, portanto, transformar proposições complexas em proposições simples, que irão expressar uma

generalidade cujo caráter busca excluir certos desenvolvimentos mentais de complexificação, isto é, de buscar fundamentalmente 'adentrar' no objeto, o que causaria, de modo inevitável, uma busca pelas 'causas'.

O conhecimento do real se estabelece através da observação, mas não da 'pura observação'; não se trata de uma 'pura observação' por não se colocar tão somente na empiria, mas também no campo das ideias. Conforme define o filósofo francês, "[...] se de um lado toda teoria positiva deve necessariamente fundar-se sobre observações, é igualmente perceptível, de outro, que, para entregar-se à observação, nosso espírito precisa duma teoria qualquer." (COMTE, 1973, p. 11). Ou seja, ao invés da busca inerte pelas 'causas', o foco naquilo que é dado, mediado pela razão. A própria ordenação das questões postas devem ser modificadas, focando no conhecimento objetivo, a partir do dado.

Esta mediação do conhecimento por uma teoria evidencia que Comte percebe o problema 'relacional' direto entre o material e o subjetivo. O conhecimento não é neutro - mas objetivo - na medida em que própria visão humana sobre a objetividade do real está determinada, condicionada pela forma com que enxergamos determinado objeto, ou seja, a partir de um processo interno, a priori, entre a condição social e cultural do sujeito e o contexto inserido, resultando na interpretação

do objeto. Os sentidos, por si só, não possibilitam que o conhecimento seja necessariamente verdadeiro. O próprio conhecimento é, portanto, fruto de uma 'relação' direta entre o subjetivo e o objetivo, entre as relações expressas na constituição do objeto e as relações "teóricas", isto é, mentais, que possibilitam a interpretação resultar na definição de que algo é 'x' e não 'y'. É por isso, pelo problema direto e relacional entre as condições do sujeito e do objeto é que afirma-se que o conhecimento é relativo. É sempre 'relativo à' algo, isto é, não basta a si mesmo.

A relação entre o material e o subjetivo nos leva a pensar como se estabelece, no âmbito do conhecimento, a relação entre o trabalho manual e o trabalho teórico. O segundo é sempre mais importante, apesar do primeiro derivar do segundo. Toda a atividade manual, prática, requer anteriormente um conhecimento teórico, isto é, de uma 'filosofia primeira'. No entanto, a aplicação prática do que é produzido teoricamente não tem necessidade imediata, tendo em vista que "[...] as aplicações mais importantes derivam constantemente de teorias formadas com simples intenção científica, e que muitas vezes foram cultivadas durante vários séculos sem produzir resultado prático algum." (COMTE, 1973, p. 29). Relegar a produção científica, teórica, a mera utilidade prática seria formar uma ideia bem imperfeita (COMTE, 1973, p. 29) das ciências. Sua finalidade primeira é "[...] a de satisfazer a necessidade fundamental, sentida por nossa inteligência, de conhecer as leis dos fenômenos." (COMTE, 1973, p. 29). Sempre a melhor prática estará fundamentada por uma teoria científica, isto é, positiva; mas não necessita dizer que o desenvolvimento teórico e prático, ou seja, do trabalho científico e manual caminhem lado a lado.

Vemos, portanto, que o problema da relação

entre a teoria e a prática, isto é, entre trabalho intelectual e manual, fica relegada a um caráter secundário por Comte. Esta temática permeia a filosofia positiva comtiana, expressa também na concepção política, tendo em vista que em sua noção, o político deve diferenciar-se do 'publicista', do cientista político¹³. O desenvolvimento das ciências atingirá tal ponto que praticamente obrigará que a atividade prática desenvolva-se também. Preocupar-se com temas da realidade imediata e do caráter da produção não são necessários, ou melhor, são inferiores, pois a organização das ciências permitirá a reorganização da sociedade; com esta reorganização, tais problemas estarão resolvidos, quase que milagrosamente. As contradições do real estarão resolvidas, portanto, com a reorganização, explicitamente ocorrida no campo ideal.

O conhecimento é objetivo, ao passo que também é relativo. Cabe questionar, todavia, de que modo se expressam a objetividade e a relatividade no âmbito do conhecer. Para Comte tudo é relativo, sendo este o único princípio absoluto. É relativo, como já vimos, às condições, ao contexto, ao estágio de desenvolvimento humano. No entanto, todos estes componentes influem sobre a interpretação do sujeito de modo necessário, como uma ligação fundamental no qual há a recepção destes elementos de modo passivo, direto, compreendendo o conhecimento como um processo linear no qual se 'recebe' o exterior de forma inerte. Ao contrário, entendemos o processo do conhecimento como uma relação efetivamente expressa como tal, isto é, no qual os elementos do real se relacionam, fundem-se, se compõem, se dispõem em si e entre si, promovendo a unidade no diverso e o entrosamento entre elementos que formam o novo. (PRADO JÚNIOR, 1973, p. 50).

13 Ou seja, o "político prático", o governante, deve distinguir-se necessariamente do cientista político, aquele que estuda a política em sua acepção científica, teórica. A equação política deve se estabelecer da seguinte maneira: "A opinião deve 'querer', os publicistas 'propor os meios de execução', e os governantes 'executar'. (COMTE, 1972, p. 11) Há uma evidente separação entre o 'pensar' e o 'executar', entre a teoria e a prática.

5 A CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS

O propósito da classificação das ciências é fornecer um sistema geral dos conhecimentos humanos. Como bem já percebemos, todos os nossos conhecimentos passam por três estados, mas não ao mesmo tempo. Daí a necessidade de definir uma ordem que possibilite às ciências um encadeamento lógico entre elas, uma estrutura que demonstre a importância de uma para a outra, permitindo também que seu estudo seja realizado de forma metódica. Este é um processo histórico, que representa a necessidade, ressaltada desde Descartes, de partir dos elementos mais simples até atingir as ciências mais complexas, permitindo aos homens conhecer os fatos dentro de uma ordem segura e fácil. As ciências cumprem esse processo necessário, daí a função da classificação, de possibilitar o conhecimento a partir de sua 'sucessão' e 'similitude', de sua generalidade decrescente à complexidade crescente.

A classificação, desse modo,

[...] deve provir do próprio estudo dos objetos a serem classificados, sendo determinada pelas afinidades reais do encadeamento natural apresentado por eles, de sorte que essa classificação seja ela própria a expressão do fato mais geral, manifestado pela comparação aprofundada dos objetos que abarca. (COMTE, 1973, p. 28).

É, portanto, da dependência mútua entre as ciências positivas que procede à classificação. Essa dependência se expressa pelo fato de que as ciências mais simples têm um grau de generalidade maior; já as ciências mais comple-

xas, que são mais particulares, se decompõem em mais elementos e vão, desse modo, necessitando de mais elementos do real para a sua constituição, assim, abarcando uma série maior de elementos. Sua disposição e encadeamento interno fica evidenciado por Comte (1973, p. 36) de modo que "[...] cada categoria funde-se no conhecimento das leis principais da categoria precedente, convertendo-se no fundamento do estudo da seguinte."

Finalmente, de que modo classificam-se as ciências? Segundo Comte, as ciências se classificam na seguinte ordem: 1) a matemática; 2) a astronomia; 3) a física; 4) a química; 5) a fisiologia; e, por último, a física social. Esta é a única forma lógica que corresponde à hierarquia natural e invariável dos fenômenos, considerando a ciência matemática como aquela correspondente aos fenômenos mais simples, gerais e abstratos, que influencia todas as outras ciências que a sucedem sem ser influenciada por elas, enquanto a física social corresponde aos fenômenos mais complicados, particulares e mais diretamente interessantes aos homens, apresentando um grau de dependência, maior ou menor, de todas as suas precedentes, sem influenciá-las de forma nenhuma. (COMTE, 1973, p. 39).

A classificação cumpre papel importante na filosofia positiva: ela referenda, na prática, a concepção epistemológica embutida na lei dos três estados¹⁴, ao mesmo tempo que abre passagem para a constituição de um novo campo científico, a Física Social, expressando uma unidade fundamental no processo de construção de uma epistemologia histórica.

14 Comte (2021, p. 111) diz, em seu 'Discurso', que "[...] de modo similar, [...] a regra da classificação supõe aquela da evolução, uma vez que todos os motivos essenciais da ordem assim estabelecida resultam, na verdade, da rapidez desigual de tal desenvolvimento nas diferentes ciências fundamentais."

5.1 A FÍSICA SOCIAL: A CIÊNCIA DO PARTICULAR E DO SOCIAL

"Todos os seres vivos apresentam duas ordens de fenômenos essencialmente distintos, os relativos ao indivíduo e os concernentes à espécie, sobretudo quando esta é sociável." (COMTE, 1973, p. 38) Estudar o ser humano é estudar duas óticas diferentes, aquelas generalidades que condizem a toda espécie humana, e as particularidades referentes aos indivíduos. O estudo das generalidades humanas, isto é, daqueles elementos comuns a todos os homens, a fisiologia se dedica. Urge a necessidade, segundo Comte, de fundar a Física Social, que venha a preencher a lacuna do estudo das particularidades humanas.

A espécie humana é eminentemente social. É impossível estudar o homem, em sua particularidade, sem levar em consideração suas relações sociais, aqueles fenômenos que são propriamente humanos. Se de um lado a fisiologia estuda o homem em sua constituição geral, abstrata, isto é, aquilo que faz dele um membro da espécie humana, os processos elementares que permitem ao ser vivo ser caracterizado como humano, por outro, ela não se atém ao estudo dos fenômenos sociais e à constituição do humano em ser social.

A Física Social difere-se da fisiologia na medida em que requer maior precisão e particularidade, isto é, necessita adentrar a fundo nas condições sociais dos indivíduos, sem necessitar generalizar como algo referente à toda a espécie. Até mesmo para o correto estudo das leis fisiológicas e sua ação direta nos homens, diz Comte, há a exigência de estudar as condições sociais nas quais os homens estão colocados, tendo em vista a diferença, não explicitada pelo filósofo, entre as classes sociais e todos os elementos que diferem, entre uma e outra, as condições fisiológicas. A Física Social é, portanto, relativa ao indivíduo e relativa aos indivíduos, ou seja, estuda o indivíduo em particular e o conjunto dos indivíduos, sendo ao mesmo tempo particular e social.

O estabelecimento da Física Social como um

ramo científico dos objetos sociais, ou melhor, como uma ciência cujo método e dependência das demais ciências é necessário, representa um problema metodológico fundamental: se a doutrina de investigação das ciências matemáticas é diferente da doutrina das ciências biológicas, seu método, seu conjunto de princípios, é o mesmo. No estágio positivo, todas as ciências são guiadas pelas concepções positivas de apreender o real, da qual já abordamos anteriormente. Isto significa, portanto, que se estabelecerá a busca pelas leis dos fenômenos (neste caso, sociais), excluindo quaisquer busca por causas e partindo dos fatos, que se apresentarão aos homens de modo objetivo e relativo, tal qual qualquer outra ciência.

Todavia, esta objetividade no campo social - ainda que relativo, nas condições comtianas -, parece definitivamente estar a cumprir o serviço ideológico da burguesia. As condições sociais, tema desta nova Física, estão ligadas antes de mais nada à própria subsistência humana, subsistência esta que é diretamente dependente do trabalho, atividade humana primordial. Sobre o estágio desta atividade no modo de produção capitalista, Comte não demonstra grandes preocupações, já que a marcha do progresso cumprirá seu papel.

A função da filosofia positiva comtiana é, portanto, o de gestar a ilusão de uma realidade que transforma as contradições e os conflitos sociais em meros elementos passageiros e sem efetividade concreta em nome de uma objetividade passiva que harmonicamente nos colocará no estágio positivo. Esquece - ou melhor, subtrai - Comte que, mesmo que a cabeça dos homens mude (não esqueçamos, o problema é de cunho mental, moral e político, nesta ordem), o problema não é resolvido, apenas a função ideológica desta modificação permitirá com que as bases sociais, econômicas e políticas estabelecidas mantenham-se por mais um certo período.

6 CONCLUSÃO

Conforme podemos perceber no desenrolar do presente trabalho, a filosofia positiva de Augusto Comte desenvolve-se de modo bastante coerente com seu período histórico e com as necessidades de seu tempo.

Sua missão, de fornecer um modelo homogêneo da história e do fazer das ciências com o intuito de possibilitar a manutenção do poder burguês e do modo de produção capitalista não se fez dominante, apesar de ter influenciado fortemente diversas correntes de pensadores ao longo, especialmente, do século XIX e de meados do século XX. O papel do positivismo não foi cumprido totalmente, visto que se demonstrou totalmente contaminado, ou melhor, como 'parte efetiva' do projeto ideológico de manutenção das estruturas de poder do modo de produção vigente, abstraindo conceitos evidentes com o intuito de formular o projeto mais palatável o possível para certos setores dominantes e sua necessidade de conciliação de classes.

O positivismo falhou, no sentido de que sua esquemática não se cumpriu devido sua ausência de base real, e a humanidade e as ciências não chegaram ao tão propagandeado estágio positivo. Todavia, o positivismo se mantém em voga, muitas vezes colocado sob outros nomes ou formulações, ainda que mantendo como indispensável e imutável o dogma da ordem e do progresso, além da objetividade, isto é, do método positivo no conhecimento e no fazer das ciências. Entendemos, desse modo, ter sido possível permitir uma análise aprofundada da filosofia comtiana e de seus problemas teórico-metodológicos.

REFERÊNCIAS

- ANDERY, Maria Amália. et. al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- ARANA, Hermas Gonçalves. **Positivismo**: reabrindo o debate. Campinas: Autores Associados, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. 2014. 4ª reimpressão, Petrópolis: Vozes, 2021.
- COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. In: Os Pensadores: Comte. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- _____. **Discurso Sobre o Espírito Positivo**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021.
- _____. **Opúsculos de Filosofia Social**. Porto Alegre: Globo; São Paulo: EDUSP, 1972.
- COSTA, J. C. Augusto Comte e as origens do Positivismo. **Revista de História, [S. l.]**, v. 1, n. 3, p. 363-382, 1950. p. 363-382. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34860>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- _____. Augusto Comte e as origens do Positivismo. **Revista de História, [S. l.]**, v. 2, n. 5, p. 81-103, 1951. p. 81-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34899>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- LÖWY, Michael. **Marxismo contra Positivismo**. São Paulo: Cortez, 2018.
- PECORARO, Rossano. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PEGORARO, Olinto. **Sentidos da História**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PRADO JUNIOR, C. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. **Discurso, [S. l.]**, v. 4, n. 4, p. 41-78, 1973. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1973.37760. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37760>. Acesso em: 30 dez. 2022.